

EDUCAÇÃO E IDENTIDADE CULTURAL: o uso de lendas urbanas para ensinar cultura e produção textual

EDUCATION AND CULTURAL IDENTITY: the use of urban legends to teach culture and text production

Rafael Pereira Galindo¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a relação entre educação, identidade cultural e linguagem por meio do uso de lendas urbanas no ensino da língua portuguesa. A partir das contribuições da Análise de Discurso, conforme proposto por Michel Pêcheux e Eni Orlandi, discute-se a relevância dessas narrativas para a construção da identidade dos estudantes e sua inserção nos processos de produção textual. A lenda urbana, ao ser incorporada ao ambiente escolar, possibilita a materialização da memória discursiva e amplia o repertório linguístico e cultural dos alunos, incentivando a escrita autoral e a compreensão dos processos históricos de constituição dos sentidos.

Palavras-chave: Educação, Lendas Urbanas, Produção Textual, Análise de Discurso, Identidade Cultural.

Abstract: This article aims to analyze the relationship between education, cultural identity, and language through the use of urban legends in Portuguese language teaching. Based on the contributions of Discourse Analysis, as proposed by Michel Pêcheux and Eni Orlandi, we discuss the relevance of these narratives in constructing students' identities and their

¹ Mestre em Educação, Conhecimento e Sociedade pela Universidade do Vale do Sapucaí-Univás. Licenciado em Letras pelo Centro Universitário de Itajubá-Fepi. E-mail: rafael.itbsm@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/6366070515952977>.

insertion in textual production processes. When incorporated into the school environment, urban legends enable the materialization of discursive memory and expand students' linguistic and cultural repertoire, encouraging authorship in writing and understanding the historical processes of meaning construction.

Keywords: Education, Urban Legends, Textual Production, Discourse Analysis, Cultural Identity.

INTRODUÇÃO

A escola, como espaço de socialização do conhecimento e da cultura, desempenha um papel essencial na formação identitária dos estudantes. O ensino de língua portuguesa, para além da normatividade gramatical, deve promover a reflexão sobre a construção do sentido, considerando o carácter ideológico da linguagem (ORLANDI, 2007). As lendas urbanas brasileiras emergem como recursos pedagógicos valiosos, pois envolvem memórias coletivas e discursos historicamente constituídos.

Orlandi (2016) discute como a linguagem funciona como um espaço de resignificação, em que a história e a ideologia se entrelaçam na produção de sentidos. Assim, as lendas urbanas, ao serem inseridas no contexto escolar, atuam como materialidades discursivas que mobilizam diferentes formações discursivas e permitem que os alunos reflitam sobre sua própria posição no tecido social e cultural. Segundo Orlandi (2015), "as narrativas populares possuem a capacidade de atravessar diferentes tempos e espaços, atualizando sentidos e promovendo deslocamentos na memória discursiva". Dessa forma, a inserção das lendas urbanas no contexto educacional pode contribuir significativamente para a formação crítica dos alunos e para o fortalecimento de sua identidade cultural.

A linguagem não é apenas um veículo neutro de comunicação; pelo contrário, ela carrega marcas ideológicas e discursivas que determinam a forma como os sujeitos se significam e são significados no espaço social. Orlandi (2001) ressalta que a memória discursiva se constitui pela repetição e pela diferença, permitindo que discursos já estabelecidos sejam ressignificados a cada enunciação. As lendas urbanas, ao circularem no imaginário popular, funcionam como espaços de disputa de sentidos e posicionamento ideológico, influenciando as formas de subjetivação dos estudantes.

O trabalho com lendas urbanas no ensino possibilita, ainda, uma aproximação entre a experiência subjetiva dos alunos e os discursos historicamente constituídos que organizam sua percepção de mundo. Como observa Orlandi (2013), a identidade dos sujeitos é atravessada pelos discursos que os constituem, e a escola deve ser um espaço que possibilite o reconhecimento e a problematização dessas formações discursivas. Dessa forma, a inserção das lendas urbanas em sala de aula não apenas amplia o repertório cultural dos estudantes, mas também os leva a questionar e reinterpretar as narrativas que os cercam.

Além disso, ao analisarmos as lendas urbanas sob a ótica da Análise de Discurso, podemos compreender como esses relatos operam na formação de subjetividades e identidades locais. Orlandi (2016) destaca que a memória discursiva é um elemento fundamental na construção das narrativas populares, uma vez que essas histórias são continuamente ressignificadas pelos sujeitos que as contam. Assim, ao discutir a lenda urbana da Mulher de Bronze, por exemplo, podemos perceber como esse relato se inscreve na memória coletiva do povo itajubense e participa da constituição da identidade cultural da região. Isso possibilita aos estudantes da cidade de Itajubá, local onde circula a

lenda mencionada, o processo de apropriação da cultura e da identidade local, além da noção de pertencimento.

Outro aspecto relevante a ser considerado é a relação entre espaço, memória e narrativa, elementos centrais na abordagem de Orlandi (2016). A lenda urbana, ao ser contada e recontada, vincula-se a determinados lugares e experiências, tornando-se um elemento de identificação coletiva. No caso das lendas urbanas do sul de Minas Gerais, é possível perceber como determinados espaços da cidade – como cemitérios, praças e igrejas – funcionam como cenários privilegiados para a circulação dessas narrativas e para a produção de sentidos compartilhados.

Dessa forma, as lendas urbanas podem ser vistas como materializações discursivas que permitem ao sujeito se inscrever simbolicamente em um espaço social e histórico. Ao trabalhar essas narrativas no ensino, os professores possibilitam que os alunos reconheçam os discursos que os constituem e reflitam sobre suas próprias posições na cadeia discursiva. Como aponta Orlandi (2016), "o discurso não apenas representa a realidade, mas a constitui, organizando as formas como os sujeitos se percebem e se relacionam com o mundo". Assim, ao inserir as lendas urbanas no ensino da língua portuguesa, ampliamos as possibilidades de leitura e escrita dos alunos, tornando-os protagonistas na construção dos sentidos e na interpretação dos discursos que os cercam.

1. A LINGUAGEM E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA EDUCAÇÃO

A linguagem desempenha um papel essencial na construção dos sentidos na educação, uma vez que é por meio dela que os sujeitos se constituem e se relacionam com o conhecimento. Segundo Orlandi

(2015), a produção de sentidos não é um processo transparente, mas sim um fenômeno discursivo atravessado por formações ideológicas e históricas. Dessa forma, compreender a linguagem na educação significa compreender os modos pelos quais os discursos constituem os sujeitos e organizam as relações de ensino e aprendizagem.

A análise da linguagem na educação revela que os sentidos não são fixos nem unívocos. Como afirma Orlandi (2001), "os sentidos e os sujeitos poderiam ser quaisquer, mas não são. Entre o possível e o historicamente determinado é que trabalha a análise de discurso". Esse jogo entre possibilidade e determinação permite que a linguagem seja tanto um espaço de reprodução de significados quanto um campo de resistência e transformação.

Nesse contexto, a formação discursiva exerce um papel determinante na educação. Como aponta Pêcheux (2014), a formação discursiva define "aquilo que pode e deve ser dito" em um determinado espaço ideológico e histórico. Assim, na escola, os discursos pedagógicos não apenas transmitem conteúdos, mas também inscrevem os sujeitos em posições discursivas específicas, estabelecendo relações de poder e conhecimento.

A perspectiva discursiva nos permite compreender que a linguagem na educação não se limita à transmissão de informações, mas envolve processos de significação que afetam a constituição do sujeito aprendiz. Orlandi (2015) destaca que "as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam". Isso significa que um mesmo enunciado pode ter diferentes interpretações a depender do contexto histórico e ideológico em que circula.

Além disso, a tensão entre a paráfrase e a polissemia, apontada por Orlandi (2015), evidencia a complexidade da linguagem na educação. A paráfrase corresponde à estabilização dos sentidos,

enquanto a polissemia remete à abertura para novos significados. No contexto educacional, esse jogo se manifesta nas interpretações que alunos e professores fazem dos conteúdos ensinados, bem como nas possibilidades de ressignificação do conhecimento.

Outro aspecto relevante da linguagem na educação é a sua relação com a memória discursiva. Segundo Orlandi (2001), "todo enunciado se inscreve em uma rede de memória, articulando-se com discursos anteriores". Assim, o ensino não se dá em um vazio, mas dialoga com discursos já estabelecidos, que podem reforçar ou questionar determinadas visões de mundo.

Essa perspectiva nos leva a refletir sobre o papel do professor como mediador de sentidos. Se a linguagem é um espaço de disputas e de significação, então a prática docente deve levar em conta a pluralidade de interpretações possíveis e incentivar o pensamento crítico dos alunos. Como enfatiza Orlandi (2004), "o discurso pedagógico não é neutro; ele mobiliza sentidos e inscreve os sujeitos em determinadas posições". Portanto, é fundamental que os educadores compreendam sua função na produção e circulação de discursos dentro da sala de aula.

A lenda urbana, enquanto narrativa que se transforma ao longo do tempo, é um exemplo prático da fluidez dos sentidos na linguagem. Como aponta Orlandi (2016), ao analisar o dito popular *quem conta um conto, aumenta um ponto*, "um conto deve permanecer como é... mas não permanece, porque as pessoas *umentam*", evidenciando que a significação nunca é fixa e está sempre sujeita a deslocamentos discursivos. Ao introduzir essas narrativas no contexto escolar, os alunos são incentivados a refletir sobre as variações de sentido e a construção coletiva da memória discursiva.

O estudo das lendas urbanas permite compreender como o interdiscurso opera na educação. Como argumenta Orlandi (2007), os

textos devem ser analisados a partir da memória discursiva e do interdiscurso, elementos que garantem a continuidade e a transformação dos sentidos. Dessa forma, as narrativas populares servem como ponto de partida para debates críticos sobre a relação entre linguagem, cultura e ideologia na sociedade.

A introdução de lendas urbanas no ensino também possibilita a experiência concreta da polissemia. Os alunos, ao produzirem e recontarem essas histórias, participam do processo de significação, exercendo sua subjetividade e posicionando-se criticamente em relação ao discurso. Orlandi (2015) destaca que "os sujeitos significam a partir de sua posição no discurso", tornando evidente que a interpretação nunca é neutra ou descontextualizada.

Assim, trabalhar a linguagem e a produção de sentidos na educação envolve reconhecer a historicidade e a ideologia presentes no discurso. A análise discursiva, conforme proposta por Orlandi (2015), permite problematizar os processos de significação e incentivar práticas pedagógicas mais reflexivas. Dessa maneira, a escola pode se tornar um espaço de construção crítica do conhecimento, onde os sentidos não são simplesmente absorvidos, mas constantemente questionados e ressignificados.

2. O USO DE LENDAS URBANAS NA PRODUÇÃO TEXTUAL

A produção textual no ambiente escolar deve ser pensada como um espaço de formulação discursiva e não apenas como um exercício de reprodução de estruturas linguísticas. As lendas urbanas, enquanto textos que integram a memória coletiva, possibilitam um trabalho significativo na formação discursiva dos estudantes. Orlandi (1990) destaca que a escrita é um espaço de subjetivação, ou seja, um campo

em que os sujeitos se inscrevem na história da linguagem e transformam sentidos preexistentes.

Ao produzir textos baseados em lendas urbanas, os alunos não apenas relatam eventos, mas participam ativamente de um processo de construção discursiva. A reescrita de uma lenda, por exemplo, permite que o estudante relacione sua própria experiência cultural com os elementos narrativos já estabelecidos, inserindo novos significados e ampliando sua compreensão do funcionamento da linguagem.

A análise discursiva das lendas urbanas possibilita que os estudantes compreendam a natureza instável dos sentidos. Como aponta Orlandi (2012), "os sentidos não estão dados de forma definitiva, mas são sempre efeitos de um processo de significação". Isso significa que, ao resignificar uma lenda, o aluno não apenas reproduz um conteúdo pré-existente, mas o reinscreve em um novo contexto, atribuindo-lhe novas interpretações.

Além disso, o estudo das lendas urbanas permite um diálogo com a memória discursiva. Orlandi (2007) enfatiza que "todo discurso se constitui em relação a outros discursos anteriores". Assim, as lendas urbanas não surgem isoladamente; elas se inscrevem em uma rede de memória coletiva, na qual elementos do passado são atualizados e resignificados no presente.

Outro aspecto importante é o caráter polissêmico das lendas urbanas. Orlandi (1996) argumenta que "as palavras e os textos nunca são absolutamente transparentes, pois carregam diferentes camadas de sentidos". No ambiente escolar, essa polissemia pode ser explorada para incentivar a criatividade e o pensamento crítico dos alunos, permitindo que interpretem uma mesma narrativa sob diferentes perspectivas.

A produção textual baseada em lendas urbanas também favorece a compreensão do interdiscurso. Segundo Orlandi (2001), "os sentidos se constituem em um espaço de confronto entre diferentes discursos". No caso das lendas urbanas, esse confronto ocorre entre versões populares, registros históricos e interpretações individuais, criando um rico campo para análise e reflexão.

No contexto educacional, o professor assume um papel fundamental como mediador desse processo de construção de sentidos. Ao propor atividades que envolvem a escrita e reescrita de lendas urbanas, ele não apenas estimula o desenvolvimento linguístico dos alunos, mas também os incentiva a refletir sobre as condições de produção dos discursos. Como destaca Orlandi (2004), "o discurso pedagógico não é neutro; ele é atravessado por ideologias e disputas de significação".

Marcuschi (2007) contribui para essa discussão ao afirmar que a produção textual deve ser vista como uma prática social, e não apenas como um exercício de normas gramaticais. Ele argumenta que "a escrita não pode ser reduzida a um código gráfico, pois é uma atividade interativa e situada". Assim, ao trabalharem com lendas urbanas, os alunos não apenas desenvolvem habilidades linguísticas, mas também exercitam sua inserção no universo discursivo e social.

A relação entre oralidade e escrita, abordada por Marcuschi (2007), também é relevante para a compreensão das lendas urbanas. Como muitas dessas narrativas possuem origem na oralidade, sua transposição para a escrita implica um processo de textualização, no qual a estrutura do discurso é reorganizada. Segundo o autor, "a passagem da oralidade para a escrita envolve estratégias de reformulação, que devem ser consideradas no ensino da produção textual".

Marcuschi (2008) também enfatiza que a produção textual escolar deve levar em conta a variação discursiva e a multimodalidade. Ele aponta que "os textos não são produtos estanques, mas processos dinâmicos de interação social". Assim, incentivar os alunos a reescrever e reinterpretar lendas urbanas os ajuda a perceber que a linguagem não é fixa, mas permeável a diferentes contextos e intencionalidades.

Por fim, Marcuschi (2007) destaca que a produção textual na escola deve integrar aspectos da oralidade e da escrita, reconhecendo que "os gêneros textuais não são rígidos, mas flexíveis e adaptáveis às necessidades comunicativas". Isso reforça a importância de trabalhar com lendas urbanas na produção textual, pois essas narrativas transitam entre diferentes formas discursivas e possibilitam uma abordagem mais ampla e significativa do ensino da escrita.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção de lendas urbanas no ensino de língua portuguesa apresenta-se como uma estratégia pedagógica que alia desenvolvimento linguístico e fortalecimento da identidade cultural dos estudantes. A partir da Análise de Discurso, compreende-se que essas narrativas operam como espaços de formulação de sentidos e possibilitam a reflexão sobre a dinamicidade da linguagem.

Ao escrever sobre lendas urbanas, os alunos exercem sua capacidade de interpretação, argumentação e produção autoral, apropriando-se da memória discursiva para construir novos significados. Dessa forma, a escola assume um papel central na valorização das manifestações culturais locais e na formação de sujeitos críticos e conscientes de sua inserção histórica e linguística.

Além disso, a abordagem das lendas urbanas no ambiente escolar permite uma aproximação entre a oralidade e a escrita, contribuindo para a percepção da linguagem como um fenômeno vivo e dinâmico. Segundo Orlandi (2016), a memória discursiva desempenha um papel essencial na construção dos sentidos, uma vez que as narrativas populares são constantemente ressignificadas por meio de diferentes contextos históricos e sociais.

A análise dessas narrativas também possibilita uma reflexão sobre as relações de poder e identidade que perpassam o discurso. Como afirma Orlandi (2007), os sentidos não são fixos, mas estão em constante disputa, sendo influenciados por fatores ideológicos e culturais. Assim, ao recontar e reinterpretar lendas urbanas, os estudantes participam ativamente da construção de novos significados e questionam os discursos dominantes que organizam a sociedade.

Outro aspecto relevante da inserção das lendas urbanas na prática pedagógica é sua contribuição para o letramento crítico. Conforme Marcuschi (2008), a escrita não deve ser vista apenas como um conjunto de regras normativas, mas como uma prática social situada, que envolve a interação entre sujeitos e contextos diversos. Dessa forma, a produção textual baseada em lendas urbanas incentiva a criatividade dos alunos e amplia suas competências comunicativas.

Além disso, a presença dessas narrativas no ensino contribui para a valorização do patrimônio cultural imaterial, fortalecendo o vínculo dos estudantes com sua comunidade e promovendo o respeito pela diversidade cultural. De acordo com Orlandi (2015), a linguagem é um espaço de inscrição do sujeito, onde ele se constitui e se posiciona em relação ao mundo. Assim, trabalhar com lendas urbanas permite que os alunos compreendam sua identidade cultural e reconheçam a importância das histórias transmitidas oralmente ao longo das gerações.

A resignificação das lendas urbanas no contexto escolar também possibilita um exercício de alteridade, à medida que os estudantes entram em contato com diferentes visões de mundo e compreendem a pluralidade dos discursos. Como argumenta Orlandi (2016), a memória discursiva é composta por múltiplas vozes, e a escola deve ser um espaço que permita a circulação e o confronto entre essas diferentes perspectivas.

Outro ponto fundamental é a relação entre narrativa e espaço. Como destacado por Orlandi (2016), as lendas urbanas estão fortemente ligadas aos locais em que são contadas, funcionando como materializações discursivas que inscrevem os sujeitos em um contexto histórico e geográfico. Ao explorar essas narrativas, os alunos passam a compreender a relação entre identidade, território e memória coletiva.

A prática da reescrita de lendas urbanas também se mostra um recurso pedagógico eficaz, pois permite que os estudantes experimentem diferentes registros linguísticos e compreendam a variação discursiva. Segundo Marcuschi (2007), os gêneros textuais são flexíveis e adaptáveis às necessidades comunicativas, e a escola deve incentivar a experimentação dessas formas de expressão para ampliar o repertório dos alunos.

A análise discursiva das lendas urbanas possibilita ainda o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos em relação ao discurso midiático e literário. Como aponta Orlandi (2015), a linguagem não é neutra, mas carrega marcas ideológicas que determinam a forma como os sujeitos se significam e são significados. Dessa maneira, ao trabalhar com essas narrativas, a escola pode incentivar a leitura crítica e a problematização dos discursos que circulam na sociedade.

Além do desenvolvimento da competência leitora e escritora, o estudo das lendas urbanas promove a interdisciplinaridade, permitindo

conexões entre a língua portuguesa, a história, a sociologia e a geografia. Esse caráter integrador da proposta pedagógica reforça a importância das narrativas populares como ferramentas de ensino significativas e contextualizadas.

Por fim, a valorização das lendas urbanas no ensino da língua portuguesa reafirma o papel da escola como mediadora de saberes e identidades. Ao proporcionar aos alunos a oportunidade de produzir e interpretar essas narrativas, a escola fortalece o processo de construção do conhecimento e estimula a formação de sujeitos autônomos e críticos. Dessa forma, o ensino da língua portuguesa se torna não apenas um meio de aprendizado técnico, mas também um espaço de reflexão sobre as relações entre linguagem, cultura e sociedade.

REFERÊNCIAS

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

ORLANDI, Eni. **História e significado na Análise de Discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. **O sujeito e seu discurso: uma análise de discurso aplicada ao ensino**. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni. **Linguagem e conhecimento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni. **Linguagem e ideologia**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni. **Era uma vez corpos e lendas: versões, transformações, memória**. Campinas: Pontes, 2016.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2014.